



4115 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

CENTRALIDADE DA FAVELA NA EDUCAÇÃO POPULAR CONTEMPORÂNEA

Marcelo de Jesus Arouca - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Natanael Reis Bonfim - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Jamille Santos de Araujo - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

RESUMO

O presente artigo busca identificar contribuições da educação popular para o desenvolvimento sustentável em comunidades favelares. Inicialmente verso sobre o reconhecimento da centralidade das periferias no mundo. Em seguida, discorro sobre a necessidade do diálogo entre a escola e o contexto sociocultural da favela em que ela se insere. Por fim, aponto para a necessidade do desenvolvimento de pedagogias favelares críticas e emancipatórias visando o desenvolvimento sustentável.

Palavras chave: Pedagogia de Favela; Desenvolvimento sustentável; Educação Popular.

ABSTRACT

This article seeks to identify contributions of popular education to sustainable development in favela communities. Initially, I talk about the recognition of the centrality of the peripheries in the world. I then discuss the need for dialogue between the school and the socio-cultural context of the favela in which it forms part. Finally, I point to the need to develop critical and emancipatory favela pedagogies with a view to sustainable development.

Keywords: Favela Pedagogy; Sustainable development; Popular Education.

CENTRALIDADE DA FAVELA NA EDUCAÇÃO POPULAR CONTEMPORÂNEA

Notas iniciais: olhares periféricos do mundo

A contemporaneidade é atravessada pelas marcas de uma modernidade com pretensões universais (PINTO e MIGNOLO, 2015). Neste movimento, com pretensões de domínio, ela categoriza, hierarquiza e sectariza a humanidade (QUIJANO, 2005). Neste processo, identidades dos grupos oprimidos são violentadas e negadas. Nas comunidades favelares muitas escolas reproduzem a lógica excludente, tomando por base a cultura hegemônica eurocentrada em seu currículo e projeto pedagógico.

As populações favelares no Brasil não se encaixam no perfil hegemônico. Neste sentido, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2010), informa que a maior parte da população favelar é negra e parda. Silva et al (2009) também chama atenção para o modelo urbanístico fora dos padrões do Estado, além da baixa concentração de renda nos espaços favelares.

O conceito "favela" tem sido ressignificado, segundo Silva (2013) e Silva et al. (2009), superando o sentido estigmatizado de espaço de carências e ausências e reconhecendo a riqueza de sua dimensão sociocultural e seu caráter de espaço de resistência expresso nas estratégias de superação das adversidades cotidianas. Considerando o caráter popular da favela, acredito na educação popular como perspectiva de educação com grande potencial de contribuição para o seu desenvolvimento social.

No presente estudo a educação popular é compreendida a partir de Freire (1987), Arroyo (2012) e Brandão (2006). Para esses autores a educação popular aponta para a importância da centralidade do sujeito no processo de educação, visando a formação política e crítica destes com base nos saberes populares.

Partindo do caráter excludente do pensamento eurocêntrico na contemporaneidade teço algumas provocações: Em que medida a centralidade da favela na discussão acerca da educação se faz importante? Como abranger as comunidades favelares nas discussões sobre a educação na favela? Então, a pergunta sudeadora emerge da seguinte forma: Quais seriam as contribuições da educação popular para o desenvolvimento sustentável em comunidades favelares?

Assim o presente artigo argumenta inicialmente sobre a emergência do reconhecimento da perspectiva das periferias no mundo para em seguida discorrer sobre o desenvolvimento sustentável com centralidade nas periferias. No terceiro momento a favela será discutida enquanto centro em seu contexto. No quarto momento serão analisadas possibilidades de contribuição da educação popular para o desenvolvimento sustentável favelar, para que enfim possam ser trazidas reflexões finais acerca do debate realizado.

Nesse contexto, pela visão globalizada de perspectiva eurocêntrica, se define valores e se categoriza os sujeitos a partir de marcadores sociais, culturais e científicos. Em diálogo com E. W. Said, Contreras (1999) afirma que a experiência imperialista atravessa as construções identitárias dos europeus e dos não europeus. Deste modo, na atualidade, a ocidentalização do mundo promove a dominação cultural eurocêntrica.

Na contra mão desta lógica, Santos (2009) sugere que atentemos para a centralidade da periferia, chamando nossa atenção para as produções sociais, culturais e científicas em perspectivas contra hegemônicas de desenvolvimento.

Santos e Rodriguez (2002) critica os programas de desenvolvimento adotado no quadro internacional que não contam com a participação dos grupos beneficiários. Em complementariedade a este pensamento, Dowbor (2006), ao discutir acerca do "paradoxo global", aponta que apesar da globalização devemos atentar tanto para o global, quanto para o local. Para enfrentar os problemas nas esferas locais, cada sujeito tem lugar de privilégio frente às próprias problemáticas do seu cotidiano. Creio que a educação voltada para o desenvolvimento social, deve então, considerar as premissas locais para pensar outras possibilidades de superação das adversidades.

Educação local: centralidade da periferia

Nas periferias do mundo, lutas de resistências emprenham movimentos contra hegemônicos propondo outros caminhos exteriores ao sistema capital de exploração. Os diversos movimentos sociais criam debates e propõem, por meio de diversas pedagogias, possibilidades de superação do sistema hegemônico.

Arroyo (2012) aponta para a importância de outras Pedagogias que provocam e, por vezes, desestabilizam o sistema de educação hegemônico. Para o autor, se faz essencial que voltemos nossos olhos para as pedagogias dos grupos subalternizados, pois estes historicamente têm contribuído para a transformação social em prol dos desprivilegiados, trazendo sua realidade para o eixo curricular. O autor relativiza a posição de centralidade e afirma que reconhecer o protagonismo do sujeito frente à sua realidade é não mais olhá-lo como marginal, e sim valorizar seus traços sociais e culturais como centro do seu mundo.

Freire (1987) traz diversas contribuições para a educação centrada na realidade vivenciada pelo sujeito. A educação problematizadora da realidade cotidiana contribui para o desenvolvimento social na medida em que, uma vez compreendendo politicamente seu papel histórico na sociedade, o sujeito se põe em movimento em busca de meios para superar sua própria opressão. Protagonista e crítico em sua realidade social, o sujeito se vê impellido a buscar alternativas de desenvolvimento com finalidade de combater às desigualdades sociais.

O reconhecimento das suas potencialidades e limites é elemento fundante na formação do sujeito. A educação emancipadora deve, partindo de dentro do contexto social, por meio dos próprios sujeitos, considerar e reconhecer suas tessituras de diversidades culturais como elemento base para a superação das desigualdades.

Favela sendo centro

Em geral o discurso voltado para a favela remete a um espaço de pobreza, baixa cultura, ausência de políticas públicas, violência e marginalidade. Esta perspectiva por si marginaliza e estigmatiza a favela, evidenciando que na lógica do centro hegemônico, a favela é um espaço de desprestígio. Segundo Contreras (1999) e Santos (2009), esta lógica abre precedentes para que a solução para os problemas enfrentados devam ser pensados por aqueles que se pretendem superiores em organização, em ciência e em cultura.

Esta perspectiva de marginalização da periferia desconsidera a potencialidade de criação e produção das comunidades favelares. A favela é um espaço de grande diversidade cultural, com grande potencial de possibilidades de convivências distintas, um espaço de resistência e superação cotidiana das adversidades encontradas em que os seus sujeitos atribuem e constroem novas leituras simbólicas, desenvolvem estratégias de sobrevivência para além da lógica do capital e assim constroem suas singularidades culturais e constituições identitárias.

Devido a sua complexidade, a favela precisa ser compreendida a partir de um conjunto de dimensões. Silva et al abordando a favela a partir da dimensão sociocultural afirma que "superando os estigmas de territórios violentos e miseráveis, a favela se apresenta com a riqueza da sua pluralidade de convivências de sujeitos sociais em suas diferenças culturais, simbólicas e humanas". (SILVA et al 2009, p. 97)

Na contra mão dos modelos hegemônicos, uma educação que busque contribuir para ao desenvolvimento sustentável das comunidades favelares deve considerar suas dimensões e tessituras complexas. Neste caso, em diálogo com Miguel Arroyo (2012), aponto para a importância de que as Pedagogias favelares dialoguem com aquelas propostas e desenvolvidas pelos movimentos sociais que emergem e articulam nas favelas nas lutas por emancipação.

É fundamental trazer o sujeito favelar e suas problemáticas para o centro dos processos educativos, construindo com ele os elementos da educação crítica frente aos problemas sociais enfrentadas por ele.

Sustentabilidade das praticas na Pedagogia de favela

A educação popular se caracteriza pela centralidade política do ato educativo partindo das premissas, demandas e percepções trazidas pelo povo, visando a formação política deste.

Brandão (2006) traz grandes contribuições para a discussão dentro da educação popular ao alertar para a importância de projetos de educação que visem contribuir para o desenvolvimento do potencial criador (já existente) do povo. Para tanto se faz fundamental partir do saber e interesse do povo, tomando por base da prática educativa o saber popular contribuindo para a sua politização. Neste sentido o educador deve estar comprometido com a causa popular.

Dowbor (2006), Santos (2009), Santos e Rodriguez (2002), e Pinto e Mignolo (2015) apontam que devemos reconhecer a importância dos saberes locais para o desenvolvimento dos diferentes agrupamentos sociais. Compreendo esta linha de pensamento como saberes que diferem dos hegemônicos. Freire (1987) também dialoga com a premissa da educação a partir da realidade local. Vejo esta perspectiva como máxima para a educação emancipadora na favela visando a construção de uma sociedade pluriversal calcada na equidade de direitos.

Acredito nas práticas educativas que, em diálogo com a favela, considerem seus sujeitos protagonistas em suas histórias, e que contribuam para o desenvolvimento sustentável a partir do desenvolvimento crítico do sujeito frente às demandas dos seus contextos.

Retomo aqui o pensamento de Dowbor (2006), no que tange à relevância do saber local para o próprio desenvolvimento da comunidade. A construção de currículos e projetos pedagógicos imersos na realidade das comunidades favelares, em diálogo com as especificidades das comunidades, suas contradições e potencialidades, suas lógicas sociais, construções culturais e identitárias podem contribuir para o desenvolvimento sustentável das comunidades. Na medida em que se constroem debates acerca de problemas globais e locais, tecendo relações entre os saberes científicos e os conhecimentos populares e trazendo as práticas sociais cotidianas favelares como centro de problemáticas possíveis e necessárias ao desenvolvimento social, econômico, político e cultural da sociedade, educandos e educadores se formam e se constituem enquanto sujeitos históricos imersos em uma realidade social passível de mudança, e que esta mudança depende dos sujeitos que nela se percebem.

As guisas das conclusões

A perspectiva hegemônica com olhares eurocêntricos projeta estereótipos sobre as periferias mundiais. Em geral as leituras feitas sobre a periferia são feitas de fora, definindo valores e cursos a serem reproduzidos. Os modelos culturais, sociais e econômicos hegemônicos vão se sobrepondo às culturas locais. Deste modo, reduzem-se os valores socioculturais construídos nos espaços não hegemônicos. Faz-se necessário o contra movimento, mas para tanto é imprescindível que a própria periferia se apresente a partir de suas perspectivas, de sua episteme, do seu centro.

É fundamental reconhecer a centralidade das favelas em seu contexto social, político e econômico e trazer para o cerne do debate os problemas e potencialidades enfrentados diariamente pelas famílias na luta pela sobrevivência. Os movimentos sociais trazem grande contribuição que precisam compor os contextos escolares. As escolas em espaços favelares têm possibilidades curriculares singulares para explorar os diversos âmbitos e dialogar em busca de construir coletivamente outros caminhos, provocando olhares críticos sobre as questões sociais, econômicas e ambientais inerentes aos contextos locais e globais. A pluriversidade das periferias e favelas constitui, em suas heterogeneidades, possibilidades e potencialidades singulares que nascem de dentro do cotidiano de cada sujeito e grupo social.

Os estudos em educação popular apontam para caminhos possíveis que entrelacem os saberes científicos e populares em favor da dignidade humana e preservação ambiental. Os olhares vivenciados pela periferia transmutam-se em vozes de sabedoria com riquezas ancestrais e contemporâneas versando

sobre a realidade de forma pragmática e concreta diariamente. Estes saberes precisam estar costurando os currículos escolares e projetos pedagógicos das escolas que compõem as comunidades favelares.

É da periferia e da favela que a compreensão de mundo nestes contextos deve partir. A educação e o (re)conhecimento da nossa dimensão global devem ser integrados ao conhecimento da dimensão local, em diálogo, sem haver detrimento da identidade e cultura local. Para que a escola seja um meio de transformação social é necessário que sua educação leve em consideração os saberes vivenciados pelas comunidades em que ela se insere, criticando e propondo soluções para as problemáticas demandadas cotidianamente junto aos sujeitos protagonistas desta realidade.

Referências

ARROYO, Miguel G. Outros sujeitos, outras pedagogias. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRANDÃO, Carlos R. O que é educação popular. 2006. Disponível em <http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/o_que_ed_popular_Brand%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2018.

BRASIL. IBGE. Censo Demográfico, 2010. Disponível em <www.ibge.gov.br>. Acesso em 16 Jul. 2018.

CONTRERAS, Joan P. La construcción social del subdesarrollo y el discurso del desarrollo. IN: BRETÓN, Víctor; GARCÍA, Francisco; ROCA, Albert (org). Los límites del desarrollo: modelos, 'rotos' y modelos 'por construir' em América Latina y África. Barcelona: Icaria. 1999.

DOWBOR, Ladislau. Educação e Desenvolvimento. São Paulo, 3 abr. 2006. Disponível em <http://www.apodesc.org/sites/documentos_estudos/arquivos/desenvolvimentoEDUCAÇÃO_E_DESENVOLVIMENTO_LOCAL_Ladislau%20Dowbor.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PINTO, Júlio R. S.; MIGNOLO, Walter. A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. Civitas: Revistade Ciências Sociais, v. 15, n. 3, p. 381-402, 2015.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, Boaventura de S.; RODRÍGUEZ, César. "Introdução: para ampliar o cânone da produção", in B. S. Santos (org.), Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 18 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Gerardo. ReFavela (notas sobre a definição de favela). Lugar Comum—Estudos de Mídia, Cultura e Democracia, v. 39, p. 37–43, 2011. Disponível em: <http://uninomade.net/wp-content/files_mf/110906130223ReFavela%20notas%20sobre%20a%20defini%C3%A7%C3%A3o%20de%20favela%20-%20Gerardo%20Silva.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2017.

SILVA, Jailson de S.; BARBOSA, Jorge L.; BITETI, Mariane de O.; FERNANDES, Fernando L. (Org). O que é favela, afinal? Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2009.